

# Credor estudará capitalização

Jornal de Brasília • 7

## dos juros

O comitê interino dos bancos credores poderá reunir-se em fevereiro para começar a estudar a capitalização de parte dos juros da dívida externa brasileira. A perspectiva é de que o Brasil não tem mesmo condições de saldar a totalidade dos pagamentos dos juros nos próximos dois anos, em virtude do GAP financeiro: diferença entre os recursos que entram do exterior e os compromissos externos que o País tem de saldar. O encontro ainda não tem data marcada, mas poderá reunir a atual equipe de negociadores brasileiros e os interlocutores do novo governo, que terão a oportunidade para um primeiro contato com os representantes dos bancos, conforme a Agência Globo.

Normalmente a capitalização dos juros só começaria a ser discutida após a definição da política brasileira em relação aos juros em atraso, que até a data da posse do presidente eleito — 15 de março — deverão estar em torno de US\$ 5,5 bilhões, incluídos os US\$ 1,6 bilhão que vencem no próprio dia 15. Em função do estoque da dívida — que em 31 de dezembro foi estimado em cerca de US\$ 114 bilhões incluindo os atrasados —, o saldo deixado pelo atual governo é muito menos alarmante do que o inicialmente previsto. Além disso, cerca de US\$ 7,4 bilhões do estoque da dívida externa do País foram contraídos junto às instituições brasileiras no exterior, ou seja, junto ao

Banco do Brasil, Real e outros, o que torna mais fácil a negociação da capitalização.

### Reservas

Ao mesmo tempo, a situação do Brasil junto aos 16 membros do clube de Paris vem sendo normalizada de forma escalonada, de modo a garantir a manutenção do nível das reservas cambiais em torno de US\$ 7,6 bilhões pelo conceito de caixa, sem prejudicar a credibilidade do País junto à comunidade fi-

nanceira internacional. Também vêm sendo escalonadas as remessas de lucros e dividendos — que normalmente se concentram neste primeiro trimestre do ano — com a duplicação dos prazos de liberação pelo Banco Central.

Diante disso, já existem indícios de que os bancos — que vinham estudando a possibilidade de capitalizar parte dos juros no caso da Argentina — parecem estar dis-

postos a estudar a proposta com o novo governo brasileiro assim que tiverem conhecimento dos rumos que a economia deverá tomar no governo de Fernando Collor de Mello. Enquanto isso não ocorre, a atual administração continua realizando conversões de parte da dívida vincenda, permitindo a troca de dívida por investimentos entre os agentes do mercado e incentivando a compra dos títulos brasileiros no mercado secundário.